



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**IMAGENS DO SUICÍDIO EM ROMANCES OITOCENTISTAS:
MACÁRIO, LUCÍOLA E O VENENO DAS FLORES**

Davi Machado da Rocha*

Para compreender a configuração sociocultural da sociedade brasileira que se forja a partir do oitocentos – período em que a produção literária alcança uma posição de destaque –, acreditamos ser importante considerar as variadas transformações ocorridas com o desembarque da corte no Rio de Janeiro, em 1808. Abertura dos portos, criação das escolas superiores, da biblioteca real, da imprensa régia entre tantas outras medidas, tiveram profundo impacto sobre o modo de vida carioca. Para Antonio Candido, o período joanino é a nossa “época das luzes”, momento em que o Rio de Janeiro, sede da corte, recebeu os contornos de uma capital científica e literária¹ e acabou por ocupar uma posição de centralidade na produção do que passou a ser denominado como “cultura nacional”. Em outras palavras, as medidas joaninas lançam as bases para uma experiência social de caráter urbano, rompendo com o modo de vida colonial.

Outro fato relevante para compreensão da formação da literatura oitocentista é o processo de Independência. Consolidado com a abdicação de D. Pedro I (1831), observa-se a partir daí o desenvolvimento de um amplo debate, entre as elites brasileiras, a respeito

* Mestrando em História Cultural no Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp/Franca sob orientação do professor Jean Marcel Carvalho França.

¹ CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 14ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p.227-237.

da configuração política e cultural que se deve tomar a nova nação. Entre os homens de letras, as formulações sobre os contornos indenitários do Brasil combinaram-se com anseios de ruptura estética, ou melhor, com a busca de uma autonomia da produção literária brasileira em relação à lusitana. Tal processo – de reflexão e construção da “cultura brasileira”, pensada a partir de novos paradigmas estéticos e políticos – foi consagrado pela historiografia literária com a expressão *Romantismo*. Entre os contemporâneos oitocentistas, tal movimento aparece como uma “nova escola” literária. Formada inicialmente por um grupo em Paris – composto por Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Francisco de Sales Torres Homem, João Manuel Pereira da Silva² –, encontrou na literatura europeia (a francesa, em especial) a inspiração necessária para construção da ansiada ruptura com os lusitanos. Os primeiros esforços desses indivíduos, em que se manifesta uma construção do Brasil a partir de paradigmas “verdadeiramente brasileiros” – pensando aqui na pretensão nacionalista dos escritos da época –, aparecem na revista *Niterói* (editada em Paris em 1836) e no texto de Gonçalves de Magalhães *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836).

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência. E, quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra, com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade.³

A partir de então, podemos observar de forma regular uma produção literária voltada para as expressões da sensibilidade, ou melhor, para as reflexões e inquietações do homem brasileiro em meio a esse novo e moderno jogo social. Interessados em fundar a nacionalidade brasileira e contribuir para o avanço da civilização no país, os textos literários, a partir daí, recorrem a uma “inflexão da sensibilidade”, ou seja, uma tendência a expressar as emoções de modo mais íntimo, individualizado, despertando nos leitores a impressão de maior sinceridade e autenticidade das emoções.⁴ Nesse sentido, nossa opção

² Ibid., p.11.

³ MAGALHÃES, D. J. G. Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil. Estudo Preliminar [1836]. In: **Revista Niterói**. Edição fac-similar coordenada pela Academia Paulista de Letras, São Paulo, 1978, Tomo Primeiro, p. 132-159.

⁴ CANDIDO, op. cit., p.279.

pela produção literária para compreensão do fenômeno do suicídio baseia-se também, para além das variáveis políticas, sociais e culturais aqui narradas, na assertiva de Antonio Candido, de que temos na literatura – em virtude do vazio que se verifica em outras áreas do conhecimento: sociologia, filosofia e etc – o “fenômeno central da vida e do espírito.”⁵

Ainda a respeito do *Romantismo*, cabe ressaltar que este fenômeno está longe de ser homogêneo, isto é, que é necessário considerar os aspectos particulares das “gerações” de poetas e suas respectivas obras literárias. Dessa forma, a assim denominada “segunda geração” de escritores – “formada por rapazes que morrem cedo [...] “filhos do século” mais voltados para o próprio coração do que para a Pátria (segundo o conselho de Musset)” – não endossa os citados compromissos morais da literatura nacional, tão característicos na primeira e terceira geração, produzindo um tipo de poesia que dava lugar a “melancolia negra”, em Álvares de Azevedo, a “loucura, embriaguez e perversidade”, em Bernardo Guimarães, entre outras expressões dramáticas.⁶ Segundo Candido, esses “impulsos de irregularidade”, ao serem amplamente divulgados e introduzidos nos salões, acabaram por se acomodar “à sensibilidade normal da época”, banalizando a postura desses escritores. Entretanto, Candido reconhece o valor de suas obras – apesar da “falta de equilíbrio estético, na pressa, no culto da improvisação[...] da notação imediata de uma sensibilidade adolescente” – na medida em que expressam uma sensibilidade local, isto é, que são representativas de certos traços do homem brasileiro.⁷

É nesse sentido que Álvares de Azevedo, em *Macário* (1855), apresenta o tema da morte voluntária. No texto em questão, temos os diálogos entre Macário e Penseroso sobre o amor e suas implicações para o espírito. Macário mostra-se cético em relação ao amor e prefere desfrutar os prazeres da vida mundana, enquanto Penseroso não consegue ver sentido na vida senão através do amor de uma mulher. Assim, por amar e não ser correspondido, Penseroso é tomado por uma intensa melancolia. Macário tenta dissuadi-lo de suas aflições amorosas convidando-o a aproveitar o que a vida tem a oferecer, isto é, participar de um banquete seguido de uma orgia, no entanto, Penseroso, desiludido, escolhe tomar gradativas doses de veneno para aplacar as dores de sua alma que sofre por amar sem ser correspondido.

⁵ CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p.136.

⁶ Ibid, p.465.

⁷ Ibid, p.469.

Páginas de Penseroso [...] Ela não me ama. Que importa? eu lh'o perdô. Perdô a leviandade daquela criança pura e santa que me leva ao suicídio...Oh! se eu pudesse vê-la ainda! Passei toda a noite pelo campo que se estende junto à casa dela. Vi as luzes apagam-se uma por uma. Só o quarto dela ficara iluminado. Havia ser muito tarde quando a luz se apagou. Pareceu-me ver ainda depois uma imagem branca encostada na janela. Coitada! ela não sabe que eu estava ali, a seus pés, com o desespero n'alma, e o veneno no peito, cheio de desejos e de morte, cheio de saudades e de desesperança! Vaguei toda a noite. Quando acordei estava muito longe. Assentei-me à borda do caminho. A meus pés se estendia o precipício coberto de ervaçal. À direita, longe numa lagoa saíram os primeiros raios do dia. O orvalho reluzia nas folhas das árvores antigas do caminho, em cuja sombra imensa acordavam os passarinhos cantando Perdoai-me, meu Deus! talvez seja uma fraqueza o suicídio-por que será um crime ao pobre louco sacrificar os seus sonhos da vida?

Este cordão de cabelos quero que seja entregue a ela: são cabelos de minha mãe...de minha mãe que morreu.

Trouxe-os sempre no meu peito. Quero que ela os beije às vezes e lembre-se de mim...

Esse amor foi uma desgraça. Foi uma sina terrível. Ó meu pai! ó minha segunda mãe! ó meus anjos! meu céu! minhas campinas! É tão triste morrer!

Ah! que dores horríveis! tenho fogo no estômago.. Minha cabeça se sufoca... Ar! ar! preciso de ar... Eu te amei, eu te amei tanto!... (Desmaia).⁸

Como vimos, a obra de Álvares de Azevedo, largamente inspirada pelos escritos de Byron e, nesse caso, na clássica obra de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther*, coloca em cena personagens tomados pelo lirismo, isto é, que acreditam que o sentido da vida era a livre expressão do espírito. Segundo Candido, tais características não chegaram a alcançar grande aceitação entre o público leitor oitocentista, marcadamente católico, que entendeu essas manifestações como imitações pouco originais dos escritos românticos do velho mundo. Entre os autores românticos que alcançaram maior aceitação do público leitor oitocentista, temos, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar. Para esses dois autores o suicídio é um problema de ordem moral ou, um crime “lesa-majestade divina”, que possuía causalidades sociais que deveriam ser combatidas.

Lastimais a repetição dos casos de suicídios que ultimamente se tem observado?... Não ha lastima que mais justa seja; não sei porém o que mais se deva lastimar, se os suicidas, se a sociedade. Lastimemos pois a sociedade, além de lastimarmos os suicidas: lastimemol-a, menos ainda pelo funesto exemplo que estes lhe deixão, do que pelos vícios profundos que a corrompem, e que são os preparadores do desespero

⁸ AZEVEDO, Álvares de. Macário. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.42-45.

que determina o suicídio. Admittindo mesmo em hypothese que o suicidio seja sempre um acto de loucura; é facil provar que a depravação dos costumes e uma educação defeituosa e ruim podem levar o homem por um caminho em cujo termo não poucas vezes a razão chegue a alienar-se, e o abysmo do suicidio abre-se para receber o desesperado. [...] Tende paciencia: a historia de cada suicida é a história íntima dos vícios que corrompem a sociedade. A recordação e o estudo desses horriveis casos são tristes e profundamente dolorosos; podem fazer-vos chorar, eu sei; mas deverão por isso deixar de ser referidos?⁹

O excerto acima, extraído de um romance de Joaquim Manuel de Macedo, foi publicado originalmente em *O veneno das flores* (1873). Nesta obra, Macedo desenvolverá uma importante reflexão acerca das variáveis sociais que, segundo ele, estavam envolvidas no fenômeno da morte voluntária. Inicialmente, destacamos que a expressão “veneno das flores”, foi um recurso imagético que visava denunciar as intenções veladas que o inocente gesto de presentear as damas com flores poderia conter. No romance em questão Macedo narra a “história íntima” de Juliana, uma jovem fluminense que recebeu excelente educação moral de seus mestres religiosos, no entanto, devido à influência de seu pai, homem que nutria intensa admiração pelas reflexões de Voltaire, cultivou em sua vida um espírito incrédulo, descrendo da vida eterna e esperando a plena realização de suas vaidades na vida mundana. Ao atingir a maioridade, foi introduzida às festas e salões da capital do império e, sendo vaidosa e incrédula, tornou-se susceptível a todo tipo de adulação e demais expressões da “sensualidade civilizada”. Assim, em uma dessas festividades, Juliana se apaixona por um certo mancebo de nome Jorge de Almeida. Macedo descreve o mancebo como um sujeito oriundo de uma família abastada que, apesar da boa educação que recebera, fora forjado em meio aos vícios que corrompiam a sociedade. Externamente, aparentava os símbolos da boa sociedade, traços que, à primeira vista, seduziram a jovem Juliana. Conhecedor dos costumes que regulavam a sociedade em questão, Jorge de Almeida, fascinado pela beleza da jovem, decide formalizar um pedido de casamento e convence a família de Juliana, através de uma carta falsa, de que seus pais aprovavam o matrimônio e que estavam a caminho da capital para a cerimônia.

A partir daí, Jorge de Almeida adquire o direito de cortejar a jovem isto é, visitá-la regularmente e levá-la a passeios pelos bosques e jardins do Rio de Janeiro enquanto

⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O veneno das flores*. In: **Os Romances da Semana**. 3. ed. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1873. pp.281-400.

seus pais não chegavam para a cerimônia. Em um desses encontros, o mal intencionado rapaz pede uma prova de amor à Juliana que, diante do medo de perder o casamento que se avizinhava, decide se entregar. Os resultados deste ato são trágicos para a jovem, haja vista o desaparecimento de Jorge de Almeida e a descoberta da fraude por ele empreendida. Assim, tendo sua reputação social profundamente abalada, a jovem entra em estado de arrependimento e melancolia, deixando de se alimentar, de aceitar os cuidados médicos e de viver a própria vida, recorrendo ao suicídio.

De maneira semelhante, no romance *Lucíola: um perfil de mulher*, José de Alencar descreve como algumas práticas desmoralizantes da sociedade fluminense contribuíam para a recorrência de fatos trágicos como o suicídio. No romance em questão, temos a história da jovem Lúcia que, em virtude do surto de febre amarela que atingiu sua família e a cidade do Rio de Janeiro na década de 1840, tornou-se meretriz. Com os ganhos advindos de seu trabalho, Lúcia pagou o tratamento de seus pais, no entanto, sua reputação social não podia mais ser remediada. Através dessa vida, conheceu o jovem Paulo que logo se tornou mais do que um cliente. Em dado momento o rapaz se apaixonou verdadeiramente por Lúcia, no entanto, vive um conflito moral em assumir seu amor por uma meretriz que era visitada constantemente por vários de seus colegas. Após algumas idas e vindas o rapaz decide viver seu amor por Lúcia e passa viver na residência da dama que sempre o considerou mais do que um simples cliente. Tal relação culmina com a inesperada gravidez de Lúcia, que oculta tal fato de Paulo em virtude de sua instabilidade emocional.

Lúcia calou-se de súbito, empalidecendo. Toda a sua pessoa assumiu-se, tomando a expressão vaga e extática de quem é absorvido por um recolhimento íntimo: figurava uma pessoa escutando-se viver interiormente. Até que ergueu-se espavorida; soltou um gemido pungente levando a mão ao regaço, e caiu fulminada em meus braços. O abalo interior que sofrera esse corpo delicado fora tão forte, que a cintura do vestido se despedaçara. Conduzi Lúcia ao seu leito, e só depois de cruéis angústias tive o consolo de vê-la recobrar os sentidos, mas para cair logo numa prostração, em que apesar dos meus rogos e instâncias, só a ouvia murmurar surdamente estas palavras incompreensíveis:

— Eu adivinhava que ele me levaria consigo!

— Ele quem, minha boa Maria? — O teu, o nosso filho! respondeu-me ela.

— Como! Julgas?.

— Senti há pouco o seu primeiro e o seu último movimento!

— Um filho! [...]

— Cala-te, Paulo! Ele morreu! disse-me com a voz surda. E fui eu que o matei!¹⁰

Como vimos, Lúcia optou pelo aborto e, devido a esse fato, caiu em uma profunda melancolia. Quando soube da gravidade da situação, Paulo procurou ajuda médica, no entanto, Lúcia não aceitou a medicação que iria expelir seu filho, ou melhor, o feto de seu corpo. Desse modo, ciente de que negar a medicação significava deixar de viver, Lúcia planejou a própria morte. Não bastasse a afirmação “Eu adivinhava que ele me levaria consigo!”, o suicídio de Lúcia fica ainda mais claro quando o plano de deixar seus bens como herança para sua irmã é revelado. Lúcia acreditava que, com isso, sua irmã poderia levar uma vida diferente daquela que lhe foi imposta pelas contingências.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o suicídio romântico brasileiro possui sua singularidade. Na Europa, como é sabido, as discussões a respeito da relação entre literatura e suicídio aparecem de forma recorrente desde o início do século XIX. Segundo Alfred Álvarez, a partir do “dogma romântico de que a vida intensa e verdadeira dos sentimentos não sobrevivia e não poderia sobreviver à meia-idade”,¹¹ os poetas do romantismo deram novos contornos à temática da morte voluntária. A expressão mais evidente deste fato residiria na publicação e recepção do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), do escritor alemão Johann Wolfgang Goethe que, em linhas bastante gerais, narra a história de um amor não correspondido que culmina com o suicídio da personagem central. A circulação deste romance provocou uma verdadeira epidemia de suicídios nos diferentes continentes em que foi publicado. Para Alfred Álvarez, a chave para compreensão do “efeito Werther”, cujo alcance pôde ser observado ao longo de décadas, estaria na “revolução” promovida pelos românticos quanto ao lugar da literatura na vida social: “mais do que um acessório à vida, os românticos transformaram a literatura num estilo de vida em si.”¹² Como vimos, o romantismo brasileiro também assume esse caráter de estilização da vida, no entanto, algumas particularidades da literatura nacional, em especial, as pretensões civilizatórias, edificantes e moralizadoras para a sociedade

¹⁰ ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1988. p.123.

¹¹ A esse respeito, o autor cita uma ilustrativa passagem do texto *A pele de onagro*, de Balzac: “Matar as emoções e viver até a velhice, ou aceitar o martírio de nossas paixões e morrer jovem, essa é nossa sina.” Cf.: ALVAREZ, Alfred. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p.204

¹² Ibid., p.206.

brasileira devem ser levadas em consideração para a compreensão de como a morte voluntária foi produzida pelos literatos oitocentistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12^a ed., São Paulo: Ática, 1988.

ALVAREZ, A. **O deus selvagem: um estudo do suicídio**. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

AMORA, A. S. **História da Literatura Brasileira** (Séculos XVI-XX). Lisboa: Ática Limitada, 1961.

_____. **O Romantismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

ÁRIES, P. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Editorial Teorema, 1989

AUGUSTI, Valeria. **O romance como guia de conduta : a moreninha e os dois amores**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CAMUS, A. **O mito de sísifo**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **O Homem Perante a Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, vol I.

_____. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, vol II.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, 2 vols.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9^a ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006;

_____. **Presença da literatura brasileira: das origens ao romantismo**. 3. ed. rev. São Paulo: Difel, 1968.

CARBALLO, P. Z. (Org). **Estudios Sobre Literatura y Suicidio**. Sevilla : Ediciones Alfar, 2006.

CASTELLO, J. A. **A Literatura Brasileira: origens e unidades (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 1999. 2 v.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3^a ed., 1989.

- DURKHEIM, E. O suicídio: estudo de sociologia.* São Paulo: *Martins Fontes*, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura: na Idade clássica.** 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **O nascimento da Clínica.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- _____. **Microfísica do Poder.** Trad.e org de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- _____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro.** Oitocentista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998,
- FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia.** In: A história do movimento psicanalítico. Vol XIV. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.
- LIMA, Hermeto. **O suicídio no Rio de Janeiro.** RJ: Imprensa Nacional, 1913.
- LOPES, Fábio Henrique. **A experiência do suicídio : discursos médicos no Brasil, 1830-1900.** Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.
- MACEDO, J. M. **Considerações sobre a nostalgia.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- _____. O veneno das flores. In: **Os Romances da Semana.** 3. ed. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, 1873.
- MACHADO, Roberto. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MARTINS, J. S. **A morte e os mortos na sociedade brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1983.
- MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.
- NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821).** São Paulo: Editora Nacional, 2ª ed., 1978.
- PUENTE, Fernando Rey (org.). **Os filósofos e o suicídio.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. **“O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”**. In: História da vida privada no Brasil. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

STENGEL, Erwin. **Suicídio e tentativa de suicídio**. Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa: Dom Quixote, 1980.

STRZODA, M. **O Rio de Joaquim Manuel de Macedo: jornalismo e literatura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar, Maria Auxiliadora Kneipp. - Brasília : UnB, 1998

_____. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

